

# Cr\$ 245 trilhões nas estatais

por Lázaro Evair de Souza  
de São Paulo

O orçamento deste ano das estatais, após várias revisões, está praticamente definido e será de Cr\$ 245 trilhões. Desse total, as despesas de custeio consumirão Cr\$ 130 trilhões, os gastos com pessoal, Cr\$ 35 trilhões, o pagamento de jurs, Cr\$ 43 trilhões e as amortizações, Cr\$ 36 trilhões. Os números foram fornecidos na sexta-feira, em São Paulo, pelo titular da Secretaria Especial de Controle das Empresas Estatais (Sest), Henri Philippe Reichstul, que acha bastante difícil cortar mais do que já foi reduzido nos gastos das estatais, acrescentando que o esforço agora se concentra na tentativa de zerar o déficit público operacional.

Reichstul, que participou das recentes negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), afirmou que, durante quatro dias, a missão brasileira explicou, detalhadamente, aos técnicos do FMI, os cortes executados através do último pacote de medidas econômicas adotadas pelo governo brasileiro. "Nós explicamos aos técni-



Henri Philippe Reichstul

cos que, desta vez, fizemos cortes e ajustes mais qualitativos do que quantitativos", afirma o secretário.

O 'staff' de técnicos do FMI, segundo ele, ainda não reviu a posição anterior e está elaborando um relatório a ser enviado ao gerente geral do Fundo, Jacques de Larosière, que, provavelmente, dará um parecer na primeira quinzena de agosto. Reichstul acredita que a cúpula do Fundo saberá avaliar melhor o "pacote" brasileiro e poderá rever a posição ini-

cial, que falava em cortes de Cr\$ 70 a Cr\$ 80 trilhões. O titular da Sest disse ter explicado aos técnicos que os recentes cortes e ajustes foram feitos de maneira muito mais criteriosa, que os anteriores e que "nas estatais não há mais o que cortar".

## SANEAMENTO

O titular da Sest, que esteve reunido na sexta-feira com executivos, num almoço promovido em São Paulo pelo Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros (IBEF), fez um relato da estratégia da Seplan para tentar maximizar os gastos do setor público e sanear a situação financeira das estatais.

Dentro dessa estratégia ele destacou alguns pontos: a criação de um grupo para analisar, criteriosamente, toda a vida e o desempenho das estatais; fazer com que o Tesouro assuma uma parte da dívida das empresas estatais, aliviando-as de um déficit oneroso; interromper definitivamente os projetos considerados totalmente inviáveis; rever o campo de atuação das estatais; delimitar melhor os cortes, de forma a dar destino mais adequado aos gastos de custeio; e estudar cuidadosamente formas de capitalização das empresas do governo.

Detalhando melhor a nova postura da Sest, Reichstul afirmou que o grupo de

análise do comportamento das estatais servirá como um "auditor" do órgão junto a essas empresas. Em relação à suspensão dos projetos considerados inviáveis, o secretário da Sest lembra que é preciso ser muito criterioso, pois existem estatais com projetos que estão na área de produção e, que se forem paralisados, provocarão problemas em todo o conjunto da economia, além daqueles que têm prioridades por causa do lado social. No primeiro caso, cita como exemplo os projetos da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e, no segundo, o Metrô paulistano.

Sobre a delimitação do campo de ação das estatais, o titular da SEST afirma que a filosofia dessas empresas daqui para frente, será de estabilizar seu desenvolvimento, "deixando espaços para o setor privado crescer". Paralelamente, quer aprimorar a eficiência das estatais.

Por fim, em relação à capitalização das empresas estatais, Reichstul recorda que é necessário ter sempre em mente que o mercado de ações hoje é muito estreito e que é preciso tomar cuidados para que "áreas do setor privado não sejam invadidas". Ele ressalta ainda que o mesmo cuidado deve ser tomado quando se discute privatizações, fechamentos ou fusões de empresas estatais.